

# HISTÓRIAS DE VIDA: EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES DE PESQUISA COM IDOSOS DE VOLTA REDONDA

*Rafaela da Silva Alves*<sup>1</sup>  
*Ronald Clay dos Santos Ericeira*<sup>2</sup>

## RESUMO

*Em meados da década de 1940, Volta Redonda, cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro, recebeu considerável recrutamento de mão-de-obra para a construção da usina de aço: a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Este artigo visa discutir aspectos metodológicos e teóricos de uma pesquisa realizada com idosos aposentados dessa companhia e moradores desse município. Na pesquisa adotou-se como principal instrumental de coleta de dados o trabalho com histórias de vida por meio das quais se pretendeu compreender o desenvolvimento sócio-histórico do município, bem como desvelar diferentes processos de envelhecimento que acontecem nessa cidade. Baseando-se em questões e escolhas empíricas, este artigo apresenta reflexões sobre a experiência metodológica da construção das narrativas e traz ponderações acerca dessa experiência de coleta de dados. Com isso, almeja-se colaborar com futuros pesquisadores que nutrem expectativas de trabalhar com o método de histórias de vida.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *história de vida; experiência de campo; Volta Redonda; idosos; trabalho.*

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Especialista em Neurociências aplicadas à aprendizagem, reabilitação e longevidade pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Saúde Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Psicóloga da Prefeitura Municipal de Valença (RJ).

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor do departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

**LIFE STORIES:  
EXPERIENCES AND RESEARCH REFLECTIONS WITH ELDERLY PEOPLE  
FROM VOLTA REDONDA**

**ABSTRACT**

*In the mid-1940s, Volta Redonda, a city in the interior of the state of Rio de Janeiro, received considerable labor recruitment for the construction of the steel mill: Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). This article aims to discuss methodological and theoretical aspects of a research carried out with elderly retirees of this company and residents of this municipality. In the research, the main tool of data collection was the work with life histories, through which it was intended to understand the socio-historical development of the municipality, as well as to reveal different aging processes that take place in this city. Based on empirical questions and choices, this article presents reflections on the methodological experience of the construction of narratives and brings considerations about this experience of data collection. With this, it is hoped to collaborate with future researchers who nurture expectations of working with the method of life histories.*

**KEYWORDS:** *Life experience; field experience; Volta Redonda; elderly; work.*

## INTRODUÇÃO

Iniciamos este artigo nos reportando sucintamente ao campo de estudo da memória dentro da Psicologia, visto que em nosso trabalho o foco foi reconstruir lembrança de idosos em Volta Redonda-RJ.

Há séculos a memória desperta interesse dos estudiosos de diversas áreas do conhecimento, visto ser um processo cognitivo intricado com outras esferas psicológicas, como: a linguagem e a percepção (BERGSON, 1881/1998; PIAGET & INHELDER, 1968/1979; IZQUIERDO, 2002; NAIFF & NAIFF, 2010; ERICEIRA & PARRAT-DAYAN, 2016). No fim do século XIX, os psicólogos passaram a estudar experimentalmente a memória humana. Nesse transcurso, em 1885, Ebbinghaus defendia a tese que a função da memória seria armazenar experiências sensoriais passadas. A partir de diversos testes, Ebbinghaus teorizou sobre a curva do esquecimento e sobre a curva da aprendizagem. A tese principal deste psicólogo era que a memória se deteriorava com a passagem do tempo (SCHULTZ, 1999; EBBINGHAUS, 1885/1964). Por seu turno, em 1932, o psicólogo Bartlett estudou a importância de motivos e valores culturais no material evocado pela memória. Sua hipótese de pesquisa era que os hábitos e as expectativas tinham influência na forma pela qual os sujeitos relembavam (BADDELEY et al., 2011; ERICEIRA & PARRAT-DAYAN, 2016). Na década seguinte, reconhecendo a importância dos elementos sociais para a constituição da memória e partindo de uma inspiração durkheimiana, Halbwachs publicou o livro *Memória Coletiva*, no qual questionava a ideia, até então predominante, que a memória conservava dados e fatos. Em sua visão, a memória reconstruía as lembranças do passado a partir do presente (HALBWACHS, 1950/2006). Partindo desta perspectiva, compartilhamos a tese de que somos indivíduos afetados pelo social, inclusive nossas memórias e nossas visões de mundo. E para somar as elucidações dessa relação entre o indivíduo e a sociedade, observa-se quão difícil é ponderar sobre a experiência que surge no ato de pesquisar as problemáticas da vida cotidiana. Percebemos em nossa trajetória intelectual, que existem caminhos menos demarcados, percursos não previstos *à priori*, mas cuja direção se faz no decorrer da coleta e da análise de dados, nas teias imbricadas de possibilidades que surgem da relação entre investigadores e sujeitos investigados.

## O ESTUDO EM QUESTÃO: VOLTA REDONDA E AS MEMÓRIAS DOS APOSENTADOS DA CSN

Para falarmos do início do povoamento extensivo de Volta Redonda, é preciso retomar a situação econômica nacional ante a crise mundial do capitalismo em 1929. Nesse período, Brasil possuía um estoque com milhões de toneladas da produção cafeeira sem qualquer possibilidade de colocá-las à venda no recessivo mercado mundial. O país ainda pautava-se num modelo econômico primário de exportação (agricultura, pecuária e extrativismo), cujos preços eram estabelecidos pelos importadores. Com a crise do capitalismo, muitos fazendeiros cafeicultores foram à falência ou alto endividamento. Nesse momento se instaura um quadro de desorganização da vida econômica nacional (FAUSTO, 2014)

No início da década de 1930, Getúlio Vargas assume a presidência da República e a discussão sobre industrialização nacional começa a ter sua visibilidade reforçada. A partir de 1937, com a implantação da ditadura do Estado Novo, o governo varguista orientou-se na implantação de indústrias de base como forma de desenvolvimento econômico e social do Brasil. Este movimento de expansão industrial era visto como única viabilidade do progresso do país. A região sudeste centralizou a construção de polos industriais e siderúrgicos.

Em 1940 estabeleceu-se uma comissão para planejar, negociar e estruturar a construção da indústria siderúrgica nacional, que seria um marco no processo de econômico brasileiro, porque o país tornar-se-ia produtor de aço, compondo a base de sua industrialização.

Nesses termos, a Companhia Siderúrgica Nacional, conhecida como CSN, foi fundada no ano de 1942, em Volta Redonda, privilegiada pela localização entre as duas maiores metrópoles nacionais, quais sejam: Rio de Janeiro e São Paulo. Desde então, o município passou por mudanças socioculturais após receber a CSN, conforme salienta Bedê (2004, p. 16):

pela dimensão humana que avulta da história social de Volta Redonda: mesclam-se, num mesmo lugar, milhares de pessoas, que deverão viver juntas, fazendo o mesmo trabalho, ainda que em atividades distintas, sofrendo as mesmas privações, dividindo os mesmos anseios, somando as mesmas esperanças. Essas pessoas com todas as suas peculiaridades elegem um mesmo objetivo: fazer de Volta Redonda o seu Eldorado.

Convém ressaltar que a cidade de Volta Redonda foi construída ao redor da Companhia Siderúrgica Nacional, recebendo, após a década de 1940, migrantes<sup>3</sup> oriundos de diferentes regiões do país em busca de trabalho, no novo “Eldorado” brasileiro. Até o início daquela década, Volta Redonda se apresentava como um pequeno povoado, distrito de Barra Mansa, com uma população que não alcançava três mil pessoas, concentradas na margem esquerda do Rio Paraíba do Sul. Com o início das obras da Companhia Siderúrgica Nacional, sua população saltou para mais de nove mil pessoas. Ademais, a CSN transformou a realidade cultural local. Novamente Bedê (2004) cita em seu livro um trecho do discurso de Getúlio Vargas publicado pela Revista “Em Guarda” durante a Segunda Guerra Mundial em que ele expressa o seguinte:

Volta Redonda será um marco da civilização brasileira, um exemplo tão convincente, que afastará todas as dúvidas e apreensões acerca do seu futuro, instituindo no Brasil um novo padrão de vida e um novo futuro, digno de suas possibilidades (BEDÊ, 2004, p. 31).

Em 1950, Volta Redonda já apresentava uma população fixa de trinta e cinco mil novecentos e sessenta e cinco pessoas. Essa breve revisão histórica de Volta Redonda nos permite sinalizar que há um processo entrelaçado entre a construção da cidade e a vida dos trabalhadores da CSN.

Em termos de dados contemporâneos, no último censo do IBGE, ano de 2010, a cidade mostra uma população recenseada de Duzentos e cinquenta e sete mil e oitocentos e três habitantes (IBGE, 2010). Por seu turno, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), em 2013, o percentual de população idosa nacional era de 12,6 %, enquanto que, em Volta Redonda, o percentual chegava a 12,7 % de pessoas com sessenta anos ou mais.

Esses supracitados dados estatísticos demonstram a posição do Sudeste e do Sul como regiões do país com o maior número de idosos. Particularmente, em Volta Redonda, o aumento dos segmentos de idosos trouxe consigo a necessidade de delinear, mapear, conhecer e traçar perfis quantitativos dessa nova realidade sócio-etária.

---

<sup>3</sup> É oportuno citar que no século XVII, a Zona da Mata mineira, região próxima a divisa dos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo, devido à cultura do café, havia sido um celeiro de escravos. Veiga & Fonseca (1990) contam que "caminhões saíam vazios de Volta Redonda e dirigiam-se a Zona da Mata de Minas Gerais" para buscar mão de obra para a construção da usina. Esses migrantes com ou sem família saíram de suas terras para morar e trabalhar em Volta Redonda.

É certo que os dados censitários acima demonstram o aumento demográfico de idosos, que servem para balizar a problemática do envelhecimento e sua possível sobrecarga nos sistemas de saúde e seguridade social de Volta Redonda. Em contrapartida, nosso trabalho dissertativo apresentava uma perspectiva qualitativa. Priorizava-se trazer à baila uma visão mais humanizada do envelhecimento, qual seja, as memórias e as narrativas de vida dos nossos idosos. A abordagem metodológica da pesquisa privilegiava questões mais subjetivas de cada idoso. No entanto, não estávamos interessados apenas em escrever biografias, pretendíamos ir além.

Outrossim, estávamos interessados ainda em refletir analiticamente em torno do envelhecimento em Volta Redonda: a liberdade de circulação, os espaços de vivenciar a velhice, além das maneiras como estes idosos vivenciavam seu envelhecimento. Nestes termos, resumidamente, nossa pesquisa buscava responder algumas perguntas apresentadas a seguir: quais as repercussões/construções na vida dos aposentados, trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional, que migraram de Minas Gerais para Volta Redonda, neste caso de um meio rural para a construção de uma cidade industrial? Quais suas relações com o desenvolvimento da cidade de Volta Redonda? Como esses trabalhadores construíram suas vidas nesse município?

#### **DA METODOLOGIA: A HISTÓRIAS DE VIDA**

A história de vida é uma técnica de pesquisa, produzida no âmbito das ciências sociais e humanas, especificamente desenvolvida pela escola de Chicago nas duas primeiras décadas do século XX. A técnica, aprimorada com o tempo, parte do indivíduo e suas particularidades, com intuito de compreender uma determinada realidade social e histórica. Assim, este método pode servir de instrumento de levantamento de regras sociais de determinadas culturas ou segmentos da sociedade. Em seus primórdios, os pesquisadores usavam as histórias de vida como método de investigação, para investigar grupos marginalizados, culturas minoritárias ou ainda a vida de pessoas consideradas socialmente menos nobres (POIRIER et al, 1995).

Das diversas possibilidades metodológicas de se trabalhar com histórias de vida como técnica de pesquisa, optamos por aquela sinalizada por Tinoco (2004), que vê neste método uma abordagem compreensiva, privilegiando uma profunda análise do material recolhido. Em sua visão, o conceito de saturação é de suma importância para a compreensão dos resultados desse tipo de pesquisa. Em outras palavras, as

entrevistas vão sendo recolhidas e analisadas e, a partir de certo momento, o pesquisador consegue identificar posicionamentos e visões que se repetem nas diferentes histórias de vida. Essa repetição é chamada de saturação, que é significativa para compreensão do contexto sociocultural. O autor ainda acrescenta que as histórias de vida coletadas podem ser enriquecidas a partir de fontes documentais, de familiares ou de pessoas significativas aos entrevistados. Nesses termos, as histórias de vida permitem uma renovação contínua de seu próprio fazer investigativo, o que põe os investigadores constantemente em busca de novas pistas e de novos desafios (TINOCO, 2004, p. 8).

### **A EXPERIÊNCIA DA PESQUISA**

As inquietações que levaram à dissertação pareciam um entrelaçar de vidas. Deslocamo-nos da experiência meramente subjetiva e almejamos um estranhamento, um ponto de onde fossemos capazes de ver para além do cotidiano, para construir novas formas de compreensão que a sociedade investigada tinha de si mesma. Um dos autores deste artigo nasceu em Volta Redonda e, assim como os seus antecedentes, o trabalho formal atravessou a sua vida desde muito jovem. O seu primeiro emprego foi em um lugar de importância histórica em Volta Redonda: um prédio que por muito tempo abrigou os empregados da CSN; os hotéis na década de 1940. Foi nos afazeres da recepção, que espontaneamente chegavam alguns depoimentos sobre as mudanças acontecidas na paisagem da cidade. Os idosos descreviam a Volta Redonda de antigamente, e sobre o que funcionava naquele Edifício.

As histórias do trabalho na CSN, que seu avô tanto narrou, muitas vezes chegavam ainda por outras pessoas, idosos vindos através de outros vínculos. Foi da incansável escuta das lembranças desses idosos no tempo quando ainda era mão-de-obra ativa na cidade, que veio a proposta de considerar o trabalho como um fio condutor de suas histórias de vida. Nessa ótica, os depoimentos da experiência e da vivência destes idosos formaram um acervo que constitui uma espécie de patrimônio imaterial da história da cidade, o qual ainda precisava ser investigado, reconstruído, valorizado, e também socializado.

A partir da aproximação com essas histórias da atividade profissional desses idosos, muitas inquietações nos levaram a cogitar sobre o desenrolar de vida dos idosos em Volta Redonda e como aquela sociedade oferece condições e qualidade de

vida a seus idosos, e, posteriormente, como os idosos constroem seu envelhecimento nesta cidade. Ressaltamos que a investigação teve o intuito de elucidar as tramas que se deram entre a dimensão humana e o desenvolvimento socioeconômico de Volta Redonda.

Compartilhando as inquietações de Nascimento (1998) acerca de como classificar suas entrevistadas em sua pesquisa dos bailes de máscara em São Luís (MA), neste trabalho também nos perguntávamos, em todo o caminhar da pesquisa, sobre o papel dos idosos para nossa investigação: eles seriam meros depoentes de quem coletaríamos informações para a dissertação? Seriam interlocutores com quem poderia tirar algumas dúvidas surgidas da pesquisa documental? Ou seriam intérpretes, em um trabalho conjunto (nosso e deles), para decifrar conteúdos de suas vidas e de aspectos sócio-históricos da cidade?

Depois de várias reflexões e devido ao relacionamento objetivo e subjetivo que nos atrelava aos idosos, nós decidimos chamá-los de intérpretes narradores. São narradores, tal qual a acepção de Benjamim (1987), pois nos esclareceram e nos informaram sobre fatos de Volta Redonda que não estavam nos livros de história da cidade. Ao mesmo tempo, foram intérpretes dos fatos investigados, em diferentes compassos, em movimentos pães de contradições, de dores, prazeres, falas, escutas e silêncios. Dessa forma, eles nos ajudaram a compreender uma parte de suas histórias de vida, da história de Volta Redonda e por que não de nossas próprias trajetórias pessoais como pesquisadores. Como afirma Marilena Chauí, no prefácio do livro de Ecléa Bosi “lembrar não é reviver, mas refazer... é reflexão, é compreensão do agora, a partir do outrora, reparação do feito e do ido, não sua mera repetição” (BOSI, 2003, p.20). Seguramente, após finalizar esta pesquisa, nem nós, nem os idosos, já não éramos mais os mesmos.

#### **A ESCOLHA DOS NOSSOS INTÉRPRETES-NARRADORES E AS TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS**

Nosso três intérpretes tinham respectivamente a idade de 90, 87, e 86 anos no transcurso da pesquisa. Um deles chegou na cidade em 1943; os outros dois, em 1952. Os critérios para a escolha de nossos narradores eram basicamente dois, a saber: a diferença temporal da época das respectivas migrações para a cidade deveria ser de no



máximo uma década de diferença e que tal fato tivesse acontecido à época da construção da CSN.

No desenvolver da pesquisa, consideramos importante incluir sujeitos com vínculos com os pesquisadores. Assim, dois dos intérpretes eram previamente conhecidos de atuações profissionais anteriores e o terceiro foi indicação de um contato pessoal. Escolhidos os narradores, procuramos nos embasar teórica e metodologicamente para fazer a pesquisa.

Em seu texto “Sugestões ao jovem pesquisador”, Bosi (2003) escreve considerações sobre a reconstrução das histórias e enfatiza a pré-entrevista e o estudo exploratório como ponto inicial deste método. Segundo a autora, estes dois momentos são essenciais, pois nos ensinam a fazer e a refazer o futuro roteiro da entrevista. Desse encontro prévio é que se podem extrair questões na linguagem usual do depoente, detectando temas promissores.

Para facilitar a coleta de dados, e seguindo as sugestões de Bosi (2003), foi realizado um pré-roteiro com tais perguntas. Estas questões funcionaram como disparadores para as memórias de nossos intérpretes narradores, o pré-roteiro envolvia três momentos de suas trajetórias pessoais e profissionais: a fase de vida em Minas Gerais; a mudança para Volta Redonda e o trabalho na CSN; e a fase da aposentadoria em Volta Redonda.

No início dos encontros para a coleta de dados foi estabelecido um *rapport*<sup>4</sup> com os interlocutores. Agradecemos-lhes, por exemplo: a disponibilidade em conceder a entrevista e comunicamos a importância da narrativa oral do entrevistado no contexto da pesquisa. Em seguida, garantimos-lhes a preservação do sigilo quanto à identidade pessoal. Quanto ao *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, todos nossos intérpretes autorizaram a gravação e utilização de suas histórias de vida para nossa pesquisa.

Os locais foram as próprias residências de nossos intérpretes. O início da entrevista era diante da seguinte solicitação: conte-nos sua história. O fim dos encontros se dava quando os interlocutores sentiam que sua história foi relatada integralmente. Alguns verbalizaram livremente e outros ficavam muito tempo reflexivos na parte de sua história que faltava nos contar;

---

4 O *Rapport* é um fenômeno que acontece no processo da entrevista. Este fenômeno é quando a relação busca ser harmoniosa, tranquila e serena, determinada e significada pela empatia. Trata-se de uma cordialidade, afetuosa, de confiança, de apreço e respeito mútuo, relação eminentemente humana.

Depois de encerradas as entrevistas, os dados coletados receberam os seguintes tratamentos: transcrição dos áudios das narrativas. Detalhe, por opção metodológica o nome de familiares foram substituídos pelo próprio vínculo com o depoente, um exemplo fictício, trocamos o nome ‘Maria’ por ‘minha esposa’, para não expor o nome de nenhum familiar dos nos nossos intérpretes-narradores.

Seguindo as orientações de Queiroz (1983), Tinoco (2004), Bosi (2003), as narrativas orais coletadas precisavam ser transformadas em texto com coerência interna e externa. Nesse sentido, foram priorizadas a organização cronológica e o sentido lógico das falas. Todavia, mantivemos a fidelidade ao modo de contar e de interpretar momentos de intensa emoção, enfatizando o “ar” de narrador de cada interlocutor ao contar sobre sua própria vida.

A terceira etapa da análise de dados foi dedicada a interpretação do conteúdo das narrativas. Bosi (1993) ressalta que nesta etapa da pesquisa, há uma necessidade de sistematização e de coordenadas interpretativas. Como frisamos anteriormente, os pontos priorizados nas narrativas de nossos intérpretes seguiram pré-roteiro foram: o tempo de vida em Minas, o período de trabalho na CSN e a fase aposentadoria. Em termos metodológicos, para tornar didática nossa interpretação das narrativas, a partir de pontos de saturação (TINOCO, 2004), criamos algumas categorias temáticas. Assim, a fase que denominamos de “O tempo de Minas” foi dividido em três categorias: *Estudo, modos de vida, e sentidos de vida*. Para “o período de trabalho em Volta Redonda”, criamos as seguintes categorias temáticas: *Cidadania, Inserção no trabalho Industrial (CSN), trabalho na CSN, e vida pessoal*. Quanto à “fase da aposentadoria”, tematicamente, ela foi categorizada em: *Aposentadoria* e os *Sentimentos em relação à velhice*.

## REFLETINDO COM NOSSOS INTÉRPRETES-NARRADORES

Benjamim (1994) fala de dois grupos de narradores um “aquele que viaja e tem muito a nos contar” e outro “aquele homem que ganhou sua vida sem sair de seu país e que conhece suas histórias e tradições”, porém, como ressalta esses dois grupos se interpenetram de múltiplas maneiras. Compartilhando essa duas classificações benjaminianas, vislumbramos que os primeiros trabalhadores da CSN parecem amalgamar esses dois tipos narradores, pois tanto se entregaram a viagem saindo de

suas terras natais para trabalharem em Volta Redonda (em busca do Eldorado), quanto passaram significativa de suas vidas na cidade depois de lá instalados.

*Quando eu vim pra cá...* É o começo da história de nossos intérpretes. Ao longo das suas narrativas, evidenciam-se as expectativas que esses narradores nutriam ao ter a oportunidade de ir Volta Redonda para construir suas vidas.

Alguns momentos das narrativas, os intérpretes nos contam o que os mobilizaram: seus anseios, suas demandas, suas buscas com o intuito de trazer significado à vida deles. Dois deles deixam explícito que saíram em busca de realizar seus objetivos pessoais. Vejamos Antônio:

Quando eu apanhei a idade de 14 anos, eu fiz uma proposta pro meu pai, aí já estava entendendo as coisas. Eu falei pra ele, ele tinha uma lavoura de café e tudo, plantava lá arroz, feijão, essas coisas todas, criações, e eu gostava muito de criações, era gado, era cavalo, burro, e eu entendi até de criação de burro, como se cria burro, você já teve essa experiência?

Porque toda a vida eu tive vontade de vencer, trabalhar mesmo, meu irmão nunca gostou de trabalhar, até hoje, nunca gostou, aí falei: meu negócio é sair da roça, eu preciso sair, porque aqui não dá resultado não.

[...]e fiquei preparado para sair da roça, o dia que eu sai, que ele viu que eu vinha, que ia sair mesmo, e foi muita coragem viu, a cidade maior que eu conhecia era Caratinga-MG, que era mais próxima da nossa cidade, eu vim de Inhapim, viajei, chegou no dia d'eu vir embora, ele me acompanhou e disse: resolvi te dar a lavoura de café. Eu falei: agora mudei de ideia, agora estou com outras ideias e não quero lavoura de café mais não. Ah puxa vida!

*Nequinho*, mesmo chegando a uma época diferente de Antônio, demonstra seu entusiasmo em chegar à Volta Redonda:

Quando nós chegamos aqui, foi uma beleza! Desde quando surgiu a Siderúrgica, papai veio pra cá em 1942, ele veio de pau de arara e iam caminhões lá em minas buscar, e aqueles caminhões todos arrumadinhos, direitinho, pra pegar pessoas pra trabalhar na Siderúrgica, né, então, era bom. A gente nasceu de novo, pode-se dizer que nasceu de novo, porque a situação era difícil, né, a gente não tinha serviço, emprego não tinha. Meu pai era pedreiro, mas era difícil serviço.

Quando meu pai veio pra ficar aqui em Volta Redonda eu tava com 13 anos, o papai veio e coisa e tal, daí passou um ano e já começou a fazer casa, aquele pessoal mais humilde, começou a ficar bem de vida, era uma beleza... Esqueci, foram construindo ali no Jardim Paraíba, no Rústico, naqueles bairros todos ele construiu. Eles iam construindo e distribuindo, acabaram de construir no Jardim Paraíba e deram pro papai. Casa bonita. Deram aquela casa pra nós, nossa, bacana e coisa e tal, não sabia o que fazia, como eu queria né, comia o que queria, ficamos ricos, a situação era difícil.

Bernardino ainda conclui:

Me dei muito bem, cheguei em Volta Redonda. Volta Redonda foi a mesma coisa do que sair de um lugar assim, vamos dizer, do inferno, com licença da palavra, e ir pro céu, porque não conheci ninguém mesmo, ninguém, eu trabalhava nessa empresa, dormia no albergue. O albergue tinha um alojamento grande.

Me deu 47 e três meses depois eu estava ganhando 65. Falei: Graças a Deus, louvado seja Deus! Estava ganhando 45, foi indo, estudando os meninos, foi subindo, e aí tudo que eu fazia era para a família.

Os recortes que aqui mencionamos são momentos em que os interlocutores demonstram que a migração significava para si e sua família uma melhora significativa das condições de vida. Eles vieram buscar, em Volta Redonda, o trabalho que lhes deu rumos totalmente novos e diferentes.

É importante enfatizar os sentimentos de cumplicidade que permeavam os finais das entrevistas. Nesse sentido, a narrativa oral é sentida como uma técnica capaz também de servir como intervenção para o sujeito que nos conta sua história e, ao mesmo tempo, contribui para a sua autopercepção na trajetória de suas vidas. Bosi (2003), ao falar sobre uma entrevista, faz o seguinte comentário:

A entrevista é... aventura comum onde os dois: narrador e ouvinte irão experimentar um sentimento de gratidão pelo que ocorreu. O ouvinte pelo que aprendeu; e o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto os das pessoas ditas importantes. Os dois sairão transformados pela convivência, dotada de uma qualidade única de atenção. (BOSI, 2003, p.63).

Assim, além de sairmos transformados dos encontros com nossos narradores, sabíamos que estávamos contribuindo para o registro de uma parte da história de Volta Redonda e para valorizar a trajetória de vida de nossos intérpretes. Nesses termos, retomamos Bosi (2004), ao frisar que mesmo quando se trata de uma história recente, o pesquisador tem o privilégio de amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidade de uma época. Segundo a autora, isso somente se torna possível, se o pesquisador for atento às tensões implícitas, aos subentendidos, ao que foi só sugerido ou encoberto por algum medo de seus interlocutores (BOSI, 2004, p, 20).

Do mesmo modo, Bosi (2003) ressalta a importância da comunicação dessas histórias como formas de contribuição para o futuro e para compreensão da complexidade dos acontecimentos para aqueles que viveram e compartilharam uma mesma época. E autora acrescenta:

A memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano... A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. E o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições ( a escola, a igreja, o partido político) é que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim , os constituintes da cultura (BOSI, 2003, p15).

Retomando as interpretações construídas entre nós e nossos narradores, é significativa a forma como todos os interlocutores se dedicaram a relatar suas atividades no tempo em que moravam em Minas Gerais. Os três se remetem às atividades diárias, como os cuidados com os animais, agricultura, e cozinhar. Tal fase de suas vidas é considerada como uma experiência importante em suas trajetórias individuais. De modo objetivo, essas experiências estavam ligadas à alimentação e à infância. Embora as narrativas revelassem momentos de dificuldades econômicas, as mesmas foram superadas ao longo de suas vidas.

No que tange à história oficial de Volta Redonda contada nos livros, ela muitas vezes aparece com referências aos fatos históricos ocorridos na cidade: a criação da CSN, a Greve de 1988, quando morreram três operários ou ainda a própria privatização da CSN 1993. Todavia, as narrativas de nossos intérpretes nos revelaram que a interpretação de Volta Redonda está pra além desses acontecimentos históricos.

Em Volta Redonda, conforme mencionamos anteriormente, há um processo íntimo entre a construção da cidade e a vida dos trabalhadores da CSN. Nessa ótica, acreditamos que os depoimentos da experiência e da vivência de idosos constituem doravante uma espécie de patrimônio imaterial da história da cidade, que ainda precisa ser valorizado, reconstruído e socializado.

Nessa perspectiva, um fato salientado nas narrativas e não presente nos livros oficiais destaca que, na cidade do aço, durante um processo de privatização da CSN<sup>5</sup>, ocorrido no começo da década de 1990. A empresa demissões em massa, diminuindo seu quadro de vinte e três mil funcionários para quinze mil. Dessa forma, descobrimos que dos diversos trabalhadores e ex-trabalhadores que se aglomeravam em praças, protestando contra a privatização, tivemos contato com a história particular de um empregado que fora demitido da CSN. Desde a sua demissão, ele agiu como fizera durante anos: arrumava-se com roupa alinhada, crachá, caneta e carteira no bolso, e saía como se fosse trabalhar, caminhava para a porta da empresa, e lá ficava como se estivesse cumprindo a sua carga-horária de trabalho. Assim ele fez durante três meses, até que teve coragem de contar da sua demissão para a família. E nessas histórias entre outras fora dos livros, que encontramos também as memórias vivas da

---

<sup>5</sup> Processo da venda de empresa Pública para investidores privados. Privatizada em 1993. Neste momento o foco da empresa era: produzir aço e manter custos baixos.

cidade. Esse fragmento de narrativa nos reforça a convicção que a história de vida dos nossos narradores está entrelaçada com a própria história da cidade.

## CONCLUSÃO

Na segunda metade do século XX, a maior usina siderúrgica do Brasil e da América Latina consolidava a imagem de crescimento econômico e de desenvolvimento do país, o então Presidente Vargas saudava em seus discursos a nova usina como símbolo da emancipação econômica do Brasil.

As histórias de vida de nossos intérpretes são chaves de leituras para debater a repercussão dessa demarcação simbólica no desenvolvimento sócio-histórico da cidade de Volta Redonda e na vida dos primeiros trabalhadores da CSN. Muitos desses trabalhadores saíram de um momento de escassez econômica em Minas Geraí, para vigorar e nutrir a nova e importante estratégia de desenvolvimento do país.

Conforme aponta Bosi (1994), cada geração tem de sua cidade a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de referências em sua trajetória. Além de as histórias de vida trazerem um sentido humanizado aos relatos e acontecimentos de um lugar e de uma sociedade, elas nos permitem ter contato com os impactos causados na vida de cada um dos narradores. Assim, este método de pesquisa utilizado com idosos torna-se fecundo e criador.

Nesse sentido, as narrativas dos idosos, além de reportar a uma vivência mais ampla considerando as fases de desenvolvimento humano (infância, adolescência, fase adulta e envelhecimento), elas apresentam uma perspectiva diferente das metodologias com viés positivista, qual seja: uma visão hermenêutica de um adulto ativo, reflexivo, perpassado por um sentimento mais contemplativo de sua própria obra.

Entendemos as narrativas orais também como espécie de autoanálise: os idosos ao relatar sua obra, além de compartilhar suas experiências e vivências, são capazes de atualizar a autopercepção, de um lugar seguro de quem já viveu, já entendeu suas escolhas, suas paixões e assim também já superou os momentos de dificuldades. Ademais, nossos interlocutores-intérpretes nos possibilitam ressignificar uma parte da história de Volta Redonda e por que não de nossas próprias trajetórias pessoais como pesquisadores.

Convém ressaltar também uma menção que Bosi (2003) faz quanto ao movimento de recuperação de memórias no âmbito das ciências humanas. A autora evidencia que "do vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade". Neste mesmo livro: *O tempo Vivo da Memória* (2003) Bosi apud Simone Weil, "julga este vínculo como o passado como um Direito Humano semelhante a outros direitos ligados à sobrevivência".

Sobre a supracitada transformação que acontece no pesquisador e nos interlocutores no transcurso de construção de histórias de vida, é importante considerar a necessidade de fomentar espaços de comunicação dessas histórias, assim como de circulação dessas memórias. Esses testemunhos vivos de um tempo nos garantem o acesso a valores culturais e identitários. Nessa ótica, os depoimentos da experiência e da vivência dos nossos idosos-interlocutores doravante formam um acervo que constitui uma espécie de patrimônio imaterial da história da cidade, a qual ainda precisa continuamente ser investigada, reconstruída, valorizada e também socializada. Acreditamos ter dado o primeiro passo nesta direção...

**Sobre o artigo**

Recebido: 05/04/2017

Aceito: 10/07/2017

## REFERÊNCIAS

- BADDELEY, A.; ANDERSON, M.; EYSENCK, M. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BEDÊ, W. Volta Redonda na Era Vargas: (1941 - 1954). **História Social**. Volta Redonda: SMC/PMVR, 2004.
- BERGSON, H. **Matéria e Memória** (1881). São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BOSI, E. A pesquisa em memória social. In: **Psicologia- USP**. São Paulo: p. 277-284, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221, 1994.
- Ebbinghaus, H. **Memory: a contribution to experimental psychology** (1885). New York, Dover Publication, 1964.
- ERICEIRA, R. C. S; PARRAT-DAYAN, S. Os estudos cognitivos de memória em Jean Piaget e Barbel Inhelder. **Memorandum**, 31, p.8-29, 2016.
- FAUSTO, B. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial, 2014.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. (1950). São Paulo: Centauro, 2006.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico. Informações Estatísticas da cidade de Volta Redonda. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- NAIFF, D. & NAIFF, L. A. Halbwachs, Bartlett, Vygotsky: em busca de uma perspectiva psicossocial da memória. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, 32, p. 149-164, 2010.
- NASCIMENTO, S. **Mulher e Folia: a participação das mulheres nos bailes de máscaras do carnaval de São Luis nos anos de 1950 e 1960**. São Luis: SECMA, 1998.
- PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIO (PNAD). Síntese de Indicadores. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.
- PIAGET, J. & INHELDER, B. **Inteligência e Memória** (1968). Brasília : Editora Universitária, 1979.
- POIRIER , M; Madeira, D. Pessoas idosas: uma abordagem global. **Processo de enfermagem por necessidades**. Lisboa: Lusodidacta, 1995.



QUEIROZ, M.I.P. **Variações sobre a técnica do gravado no registro da informação viva.** São Paulo: CERU e FFLCH, 1983.

TINOCO, R. Histórias de vida: Um método Qualitativo de Investigação, 2007. Disponível em [psicologia.com.pt](http://psicologia.com.pt). Acesso em 14 out 2015.

SHULTZ, D. **História da Psicologia Moderna.** São Paulo: Cultrix, 1999.

VEIGA, S. M; FONSECA, I. **Volta Redonda: entre aço e as armas.** Vozes: Petrópolis: 1990